

## ALFABETIZAÇÃO E ENSINO HÍBRIDO EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Dayane MENDES<sup>1</sup>

Graduanda em Pedagogia  
Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

Maria José Pereira da SILVA<sup>2</sup>

Graduanda em Pedagogia  
Faculdade de Ensino Superior de Linhares (Faceli)

Márcia Perini VALLE<sup>3</sup>

Professora do Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior de Linhares  
Mestre em Educação, Administração e Comunicação pela Universidade São Marcos/SP

### Resumo:

Este artigo tem, como finalidade, analisar os processos de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, por intermédio do ensino híbrido durante a pandemia. Assim, realiza uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo, com aplicação de questionário aos professores dos três primeiros anos do ensino fundamental de duas escolas da rede municipal de ensino de Linhares-ES. A partir da análise dos dados coletados, conclui que o ensino híbrido foi necessário durante o período de fechamento das escolas devido à pandemia da Covid-19, porém a ausência de contato dos estudantes com os professores e o escasso acesso aos recursos tecnológicos tornaram esse processo desafiador tanto para os professores quanto para os estudantes e seus familiares. Na concepção da comunidade escolar, a aprendizagem dos estudantes ficou prejudicada, pois, nessa fase, o estudante necessita de acompanhamento e intervenções pontuais para se apropriarem da linguagem escrita. Deixa claro ainda que, mesmo diante de muitas dificuldades, um aspecto positivo foi a aproximação da equipe escolar com as famílias dos estudantes.

Palavras-chave: Pandemia; Alfabetização; Ensino fundamental; Ensino híbrido.

### Introdução

Com a pandemia de Covid-19 e a necessidade de isolamento social para evitar a transmissão da doença, o processo educativo ganhou novas tendências de transformação digital. A suspensão das aulas presenciais impulsionou a implementação do ensino híbrido ou, em inglês, *blended learning*. Considerada uma tendência da educação no século XXI, a metodologia, que ficou ainda mais em evidência, consiste na combinação de dois modelos de aprendizagem: o tradicional, que ocorre presencialmente dentro de

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: [dayanemendes.email@gmail.com](mailto:dayanemendes.email@gmail.com)

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: [pereiradasilvap@bol.com.br](mailto:pereiradasilvap@bol.com.br)

<sup>3</sup> Endereço eletrônico: [marciapvalle@gmail.com](mailto:marciapvalle@gmail.com)

um cenário que todos já conhecem, e o *online*, que conta com ferramentas digitais para promover o aprendizado (HOFFMANN, 1991).

Nas escolas de ensino fundamental da rede municipal de ensino de Linhares/ES, o retorno das aulas presenciais, em formato de ensino híbrido, ocorreu a partir do início do ano letivo de 2021. Conforme a Portaria SEME/Nº 001/2021, o retorno presencial foi organizado por meio de um sistema de revezamento de 25% dos estudantes por semana. No período em que os estudantes permaneceram em casa, o ensino não presencial aconteceu por meio da realização de Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs) (LINHARES, 2021).

Diante dessas considerações iniciais, esse estudo tem por objetivo analisar os processos de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental por intermédio do ensino híbrido durante a pandemia.

Para alcançar tal objetivo, a metodologia utilizada privilegiou uma revisão bibliográfica sobre o assunto em questão e uma pesquisa de campo. A revisão bibliográfica baseou-se na legislação vigente e em publicações de autores tais como: Gontijo (2002), Gontijo e Schwartz (2009), Pérez (2008), Santos (2019), entre outros autores. A pesquisa de campo ocorreu por meio da aplicação de questionário aos professores e pedagogos que atuam nos três primeiros anos do ensino fundamental em duas escolas da rede municipal de ensino de Linhares-ES.

### **Alfabetização e o exercício pleno da cidadania**

Inicialmente, para compreender como se dá o processo de apropriação da leitura e da escrita e como ele interfere diretamente na vida das pessoas, faz-se necessário situar a concepção de alfabetização em que este estudo se fundamenta.

De acordo com Pérez (2008), a alfabetização se constitui em um processo complexo que envolve dimensões políticas, sociais, culturais, econômicas e não somente pedagógicas, dentre outras. É ainda, segundo a referida autora, um processo dialógico que articula “[...] processos individuais e socioculturais de apreensão-apropriação das diferentes linguagens presentes no mundo contemporâneo” (PÉREZ, 2008, p.199).

Nessa concepção, Gontijo (2002, p.7) afirma que a alfabetização “[...] é o processo de inserção no mundo da linguagem escrita”. Segundo a mesma autora, esse

conceito remete à ideia de que a alfabetização não se limita apenas à aquisição do código escrito, sendo necessário sua apropriação em práticas sociais de leitura e escrita.

Nesse sentido, a alfabetização, numa perspectiva histórico-cultural, busca desenvolver várias dimensões do processo de apropriação da leitura e da escrita e não apenas a codificação e decodificação das palavras, por exemplo, a articulação da produção e leitura de textos orais e escritos, realizadas a partir das vivências do cotidiano social da criança, seja no bilhete escrito para o irmão, no jornal lido com o pai, no recorte de palavras em revistas, na leitura das placas de trânsito pelas ruas, entre outras situações reais (GONTIJO; SCHWARTZ, 2009).

Conforme Gontijo e Schwartz (2009), é preciso considerar que o uso social da leitura e da escrita, está diretamente articulado ao fazer pedagógico na alfabetização. As crianças, ao utilizarem tais ferramentas, terão a oportunidade de desenvolver um aprendizado real e significativo. Dessa forma, as autoras afirmam que isso favorece ainda a formação da consciência crítica, possibilitando o pensar e o posicionar-se com criticidade, é esse o resultado que o processo de alfabetização almeja.

Para o exercício pleno da cidadania, a alfabetização possibilita a realização de atividades cotidianas, caracterizando o uso social da escrita em situações vivenciadas fora da escola, pois “[...] a formação escolar é o alicerce indispensável e condição primeira para o exercício pleno da cidadania e o acesso aos direitos sociais, econômicos, civis e políticos” (BRASIL, 2013, p. 4).

Seja nas situações vivenciadas, seja em eventos informais, fazer uso da leitura e da escrita torna a vida mais dinâmica, quer para tomar a condução certa para trabalhar todos os dias quer na ida ao supermercado para fazer compras e compreender o que está escrito nos rótulos dos produtos e, ainda, para calcular o valor do que foi adquirido (GONTIJO, 2002).

De acordo com Gontijo (2002), a alfabetização viabiliza o objetivo de mobilização social. Assim, se o indivíduo não se apropria da leitura e da escrita, conseqüentemente, terá menos oportunidades seja no mercado de trabalho, seja em sua vida social. Nesse sentido, a autora explica que há uma necessidade de atender as exigências do mercado de trabalho e do consumo, acompanhada de uma busca por maior prestígio social.

Nesse contexto,

[...] é necessário retomar a noção de cidadania, tomada aqui como processo de participação. As teorizações da linguagem e dos sujeitos baseadas na cisão entre o mundo da cultura e o mundo da vida criam grandes e, às vezes, intransponíveis obstáculos à participação livre e democrática. A escola, responsável pela transmissão dos bens culturais elaborados, ao longo da história, contribui para isso (GONTIJO; SCHWARTZ, 2015, p.57).

De acordo com Gontijo e Schwartz (2015), a alfabetização possui conexão extremamente relevante à da significação social, que é a possibilidade de transformar o indivíduo em alguém conscientemente crítico, mais reflexivo sobre a realidade do mundo a sua volta, ciente de sua atuação como sujeito de direitos e deveres e de seu papel como agente sócio-histórico. “Dessa forma, a separação entre o mundo da cultura e o mundo da vida é nociva não somente para a teoria que precisa ser elaborada de fora da vida, mas tem sido perniciosa para os sujeitos e, sobretudo, para a vivência democrática, participativa” (GONTIJO; SCHWARTZ, 2015, p.57).

Assim, a alfabetização é concebida “[...] como uma prática social e cultural em que se desenvolvem a formação da consciência crítica, as capacidades de produção de textos orais e escritos, de leitura e de compreensão das relações entre sons e letras” (GONTIJO; 2008, p.198).

### **O processo de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996 preconiza que o ensino fundamental é obrigatório e gratuito nas escolas públicas em todo o território nacional (BRASIL, 1996). Conforme o Art. 32 da LDBEN (atualizado pela Lei nº 11.274 de 2006), o objetivo do ensino fundamental é a formação básica do cidadão, além disso, é incumbência dessa etapa da educação tornar as crianças capazes de aprender e dominar a leitura e a escrita (BRASIL, 2006).

Consoante a legislação em vigor,

A alfabetização, nas sociedades industrializadas, ocorre basicamente na escola. Isso não significa, entretanto, que ela aconteça somente na escola. Porém, independentemente do lugar em que ela ocorre, ela é concebida como espaço e tempo de formação que propicia o exercício da cidadania e, portanto, o desenvolvimento da criticidade por meio do trabalho de produção de textos e de leitura (GONTIJO; SCHWARTZ, 2009, p.15).

De acordo com as autoras citadas acima, a criança deve apropriar-se dos conhecimentos necessários à aprendizagem da linguagem escrita, utilizando-se de

recursos indispensáveis da leitura, escrita e cálculos. A assimilação desse universo requer uma sistematização de políticas e meios tecnológicos disponíveis e acessíveis a todos os estudantes (GONTIJO; SCHWARTZ, 2009).

Na busca por uma educação efetiva em relação ao processo de alfabetização dos estudantes, a Resolução CNE/CEB nº07/2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos, em seu Art. 30, preconiza que “Os três anos iniciais do Ensino Fundamental devem assegurar: I – a alfabetização e o letramento [...]” (BRASIL, 2010, p.8).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica no ensino fundamental para os anos iniciais.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (BRASIL, 2017, p.57).

De acordo com a BNCC, o desenvolvimento do processo de alfabetização é imprescindível nos anos do ensino fundamental pois,

“[...] aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social” (BRASIL, 2017, p.61).

A BNCC preconiza ainda dez competências gerais, as quais devem ser desenvolvidas com os estudantes ao longo de toda a educação básica e dizem respeito a: conhecimentos historicamente construídos; pensamento crítico; manifestações artísticas e culturais; diferentes linguagens (verbal, corporal, visual, sonora e digital); tecnologias digitais de informação e comunicação; diversidade de saberes e vivências culturais; posicionamento ético; autocuidado; empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação e responsabilidade social (BRASIL, 2017).

Dentre as competências apresentadas pela BNCC, uma trata especificamente do uso de tecnologias na educação. Nesse sentido, a sua quinta competência diz respeito à:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2017, p.9).

A BNCC determina a inclusão do uso de tecnologias digitais para práticas educacionais, possibilitando o ensino remoto e a continuidade das aulas, bem como a aprendizagem de maneira virtual nas escolas, com o uso de plataformas. A inserção das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) é um dos fatores responsáveis por mudanças na sociedade, principalmente quando se trata de métodos variados de ensino no campo educacional (SOARES-LEITE; NASCIMENTO-RIBEIRO, 2012).

Para Santos (2019, p.69),

A educação online é o conjunto de ações de ensino aprendizagem, ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade. [...] enfim, espaços referenciais de aprendizagem e redes educativas vêm lançando mão desse conceito e promovendo a difusão cultural de suas ideias, potencializando a democratização da informação, da comunicação e da aprendizagem entre indivíduos geograficamente dispersos, seja como elemento potencializador da educação presencial e ou da educação a distância.

Conforme Silva, Maciel e Alonso (2017), as práticas de *blended learning*, também denominadas *b-learning*, ensino semipresencial, bimodal ou misto, combina o aprendizado à distância com o tradicional. Tais momentos são diferentes, mas o objetivo do aprendizado híbrido é que os dois momentos se completem de forma que haja promoção de uma educação mais eficiente, personalizada e atrativa (FURLETTI; COSTA, 2018).

Nesse sentido, pode-se inferir que a pandemia acelerou o processo de *blended learning* e, apesar de não se tratar de algo recente, foi importante ferramenta utilizada pelas instituições, onde os professores puderam adaptar suas metodologias de ensino e os estudantes se acostumaram a uma nova forma de aprender.

Nesse contexto,

Com o isolamento social e as escolas fechadas, criou-se o chamado ensino remoto, como alternativa para dar continuidade às aulas suspensas em razão da pandemia. Desse modo, é certo que a pandemia trouxe muitas mudanças na vida e na rotina de todos, e a educação também mudou, tornando-se virtual, surgindo muitos desafios (SILVA, 2021, p.3).

Dessa forma, foi preciso elaborar novas estratégias de ensino de forma a modernizar o trabalho com os estudantes, sem que houvesse grandes prejuízos no processo de alfabetização (PAIVA; MACHADO, 2021).

Soares (2020), entrevistada por Lobo, aponta para os desafios que a alfabetização enfrentou no contexto da pandemia da Covid-19:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, já que o contato educador x educando é importante, para esta fase de escolarização, pois a rotina diária cria um elo de convivência, adaptação e socialização tão essenciais nesse processo didático, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar” (SOARES, 2020).

Assim, a situação de pandemia distanciou os estudantes das escolas e dos professores alfabetizadores em uma fase considerada importante na vida da criança, o início da alfabetização e do processo de escolarização. Essa separação interfere na interação entre criança e alfabetizador, prejudicando aquilo que sempre foi visto como uma alavanca para o desenvolvimento da criança, a criação de vínculo, tornando a rotina diária um elo em que os estudantes fazem sua adaptação e a socialização do ambiente escolar (CÉSAR et al., 2021).

Alfabetizar uma criança requer intervenções pontuais no processo de ensino e aprendizagem que, por meio de atividades não presenciais, tornou-se mais complicado quando passou a ser em casa (SILVA; SANTOS, 2020). As autoras explicam ainda que ficou a cargo da família mais uma responsabilidade e nem sempre ela possui conhecimentos ou tempo necessário para exercer esse papel de alfabetizador.

Alinhando a essa visão, Reis (2007, p.06) lembra que

[...] as crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Desse modo, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns”. Lembrando que a missão da escola é, não só o desenvolvimento intelectual dos alunos, mas também responsabilizar-se pelos seus desenvolvimentos social e emocional.

A escola, os professores e a família devem prosseguir juntos nessa nova maneira de alfabetizar, atuando como agentes mediadores no processo da alfabetização dos estudantes. O ensino remoto ressignificou o papel das famílias na parceria com a escola, mesmo diante de todas as dificuldades encontradas (SILVA; SANTOS, 2020).

### **Encaminhamento metodológico**

A metodologia foi desenvolvida tendo como objeto de estudo a abordagem quali-quantitativa e revisão bibliográfica, essa que se fundamenta no fato de permitir ao

pesquisador investigar uma série de fenômenos com maior amplitude do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Em caráter exploratório, quali-quantitativo, este estudo se baseou na legislação vigente e em publicações de autores sobre o assunto em questão. A busca pela literatura foi feita por meio de seleção de livros e artigos tomando-se como critério as palavras-chaves desse estudo.

A coleta de dados ocorreu por intermédio de uma pesquisa de campo, com a utilização de questionário aplicado aos professores e pedagogos que atuam nos três primeiros anos do ensino fundamental em duas escolas da rede municipal de ensino de Linhares-ES. O questionário continha oito questões discursivas sobre o processo de alfabetização e ensino híbrido em tempos de pandemia da COVID-19.

O questionário foi disponibilizado via ferramenta digital *Google Forms*, tendo seu *link* enviado por *WhatsApp* e *e-mail* aos profissionais durante os meses de setembro e outubro do ano de 2021. A opção pela utilização de meios digitais se deu devido ao momento de pandemia vivenciado e pela agilidade e rapidez para a coleta de dados.

A pesquisa foi realizada a fim de levantar dados de como ocorreu o processo de alfabetização no ensino híbrido, nos três primeiros anos do Ensino Fundamental durante a pandemia da Covid-19. Após a coleta dos dados e informações necessárias, foram realizadas tabulações e análises acerca dos conteúdos à luz da fundamentação teórica apresentada.

## **Resultados e Discussões**

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas da rede municipal de ensino de Linhares/ES, localizadas em bairros distintos: Canivete e Novo Horizonte. A primeira atende estudantes do ensino fundamental nos anos iniciais e finais, a segunda apenas estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. Ambas possuem aproximadamente 500 estudantes devidamente matriculados em cada turno (matutino e vespertino).

Das duas escolas pesquisadas, de um total de vinte e dois profissionais (quatro pedagogos e dezoito professores) que atuam nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino fundamental, dez profissionais participaram da pesquisa retornando o questionário respondido pelo *Google Forms*. Em relação à função que exercem na escola, 80% dos participantes da pesquisa declararam que atuam como professores e 20% como pedagogos.

De acordo com Silva e Santos (2020), a visão de professores e pedagogos sobre as práticas desenvolvidas em alfabetização durante o ensino remoto se faz necessária para o entendimento de como ocorreu o processo e, conseqüentemente, a implementação de medidas necessárias para o enfrentamento dos desafios encontrados.

Sobre como tem sido o trabalho desenvolvido pela escola no contexto da pandemia para dar conta do processo de alfabetização dos estudantes, obtivemos as seguintes respostas:

- *Temos nos aproximado mais das famílias, para que o processo ocorra de maneira livre, espontânea sem reservas.*
- *Recorremos as habilidades da BNCC do ano anterior para dar continuidade ao processo de alfabetização.*
- *Tem sido um desafio árduo. Muitos professores se reinventaram, passaram a utilizar novos recursos, principalmente a tecnologia. Mas essa tarefa tem sido um processo lento.*
- *Muito difícil. Precisamos constantemente da ajuda das famílias e poucas estão dispostas a colaborar.*
- *Super cansativo e desgastante, os planejamentos não são suficientes, para planejar atividades e cumprir com os documentos que a SEME envia.*
- *Com muitos desafios.*
- *Trabalhoso. Tenho observado que os alunos em casa não estudam, não aprendem, não existe interesse para fazer algo que sejam incentivados pela família, mesmo com as apostilas.*
- *Tem sido com muitos desafios.*
- *Um trabalho constante de estudos e buscas ativas.*
- *Com projeto de intervenção com atividades desafiadoras.*

De acordo com os dados obtidos, observa-se a preocupação dos educadores em relação à dificuldade em se trabalhar os conteúdos de alfabetização de maneira remota, bem como os desafios de manter os estudantes na escola para que não ocorra a evasão escolar. Dentre os desafios sobre como tem sido o trabalho desenvolvido pela escola no contexto da pandemia para dar conta do processo de alfabetização dos estudantes destacam-se o tempo insuficiente para planejar e elaborar material com atividades não presenciais. Ainda houve a necessidade de procurar um meio de envolver os estudantes, cujas famílias pouco participaram do ensino remoto e, além disso, a obrigação de cumprir com toda a documentação que a Secretaria de Educação solicitava.

A questão da mediação do professor foi apontada como primordial e necessária para dar conta do processo de alfabetização dos estudantes, mesmo em tempo de pandemia. Os profissionais afirmaram que somente o envio de “apostilas” não garantiu a aprendizagem dos estudantes. Interessante ressaltar que, conforme os dados obtidos, os profissionais indicam ainda que, mesmo diante de tantas dificuldades, um ponto

positivo evidenciado foi a aproximação da equipe escolar com as famílias dos estudantes.

Em relação ao aprendizado dos educandos no período em que houve emergente necessidade de se cumprir normas de isolamento social, na concepção da comunidade escolar obtivemos as seguintes respostas:

- *Contexto de total desinteresse.*
- *A aprendizagem ficou prejudicada, pois muitos alunos não tiveram apoio necessário com a família.*
- *Meio turbulento por vários fatores. Mais tranquilo no que esperávamos no decorrer do processo.*
- *Um período para repensar nas nossas práticas, redefinir objetivos tendo como meta que o aluno aprenda a ler escrever e contar.*
- *Lamentável.*
- *Difícil, muitos pais estão se empenhando para auxiliar os filhos. Mas sem formação pedagógica fica difícil alcançar bons resultados.*
- *Muito difícil devido o aluno não estar constantemente na escola e a família não colaborar em casa.*
- *As formas de aprendizado são múltiplas, porém é necessário que os discentes queiram aprender. Tornar o aprendizado significativo traz bons resultados.*
- *Que muitos educandos estão sendo prejudicados na sua fase mais importante. Pois é a minoria que tem a ajuda de um familiar em casa para ajudar nesse processo.*
- *Aqueles que não tem, ajuda familiar fica mais difícil, pois às vezes nem por meio do acesso às tecnologias é possível, devido a condição social.*

Na concepção da comunidade escolar nesse momento de pandemia, a aprendizagem dos estudantes ficou prejudicada, gerou desinteresse por parte deles e, por mais que as famílias se empenhassem em auxiliar os filhos, muitas vezes não sabiam como fazê-lo. Um profissional destacou que essa é uma fase primordial na vida escolar do estudante, pois a alfabetização é condição necessária para o exercício pleno da cidadania.

Um aspecto positivo observado nas respostas é que, mesmo em um período difícil, foi possível repensar a prática pedagógica e redefinir objetivos e metas sobre o processo de ensino e aprendizagem, mais especificamente de leitura, escrita e cálculo. Dentre as respostas obtidas, observou-se, ainda, a preocupação de educadores sobre os recursos tecnológicos disponíveis durante o ensino remoto, pois são a única fonte que os estudantes possuem para se manterem ativos nos estudos, acompanhando conteúdos e aulas e, dessa forma, serem contemplados com o processo de alfabetização, dando continuidade ao ano letivo escolar.

Quando questionados sobre a possibilidade de atendimento individualizado durante o ensino híbrido, 60% dos profissionais responderam não ser possível,

enquanto 40% afirmaram ser possível. Apenas quatro profissionais justificaram suas respostas:

- *O esforço é grande, porém distante entre o real e o ideal.*
- *O aluno foi obrigado a se tornar mais independente.*
- *Se o professor tiver recursos tecnológicos funciona, se ele não tiver não funciona, pois, a SEME não fornece esses recursos aos educadores.*
- *É uma tarefa difícil, pois requer uma dedicação extra do professor referente aos seus alunos. Mas é possível sim, com planejamento.*

É possível notar que a realidade nem sempre é semelhante, nem mesmo entre os educadores, as respostas foram bem contundentes e divergentes. Mesmo conscientes da possibilidade de atendimento individualizado durante o ensino híbrido, os profissionais se lembram das dificuldades enfrentadas.

Sobre como ocorreu o processo de alfabetização dos estudantes no contexto da pandemia, obtivemos como respostas pertinentes ao assunto:

- *Lento. A maior dificuldade foram as intervenções nesse processo*
- *Por meio de vídeo aulas, vídeos chamadas, aulas online...*
- *Como nem todos puderam cumprir a carga horária presencial não foi possível realizar um diagnóstico preciso quanto em que fase do desenvolvimento o aluno se encontra, aos que vieram foi feito um diagnóstico a partir daí traçam um plano de ação para efetiva alfabetização.*
- *Lento.*
- *Os professores planejando as atividades e orientando via WhatsApp e os pais auxiliando os filhos em casa.*
- *Em aulas presenciais e orientações remotas para alguns. Ainda estão em processo de alfabetização*
- *Não ocorreu.*
- *Com muitas dificuldades.*
- *Ainda está em processo para a maioria.*
- *Por meios do WhatsApp, vídeos, telefonemas, aulas por meio do Meet ou Zoom. Mas não é uma tarefa fácil, atinge a minoria.*

Grande parte dos educadores enfrentou dificuldades que os desafiaram no sentido de intervenção, pois é, na fase da alfabetização, que a criança necessita de acompanhamento e intervenções pontuais para avançar nesse complexo processo, que é a aprendizagem da leitura e da escrita. Alternativas como videoaulas, videochamadas, orientações por meio do aplicativo *WhatsApp*, foram utilizadas com o intuito de amenizar os efeitos do distanciamento social.

Questionados sobre o uso das tecnologias, nesse momento de pandemia, uma vez que a BNCC traz a necessidade de inclusão da tecnologia em sala de aula, alguns profissionais relataram dificuldades na utilização e na aquisição de tais recursos. Dessa forma, 80% dos entrevistados afirmaram que tiveram dificuldade, enquanto 20% responderam que não. Dentre as respostas dos profissionais que afirmaram ter

dificuldade em relação à utilização das tecnologias, destacamos as seguintes justificativas:

- *Os professores tiveram que providenciar os recursos técnicos, e alguns alunos não tem acesso a esses recursos. Se todos tivessem Internet de qualidade e equipamentos seria muito melhor para trabalhar.*
- *Muitos tiveram que pedir ajuda aos colegas, estudar vídeos do Youtube para poder aprimorar ou até mesmo aprender do zero. Foi um período de desafios para muitos educadores, mas valeu a pena.*
- *Principalmente, porque a prefeitura não oferece ferramentas para isso. Tive q disponibilizar meus aparelhos de uso pessoal para atender toda essa demanda.*
- *Não foi fornecido aos professores os recursos pelos órgãos competentes que querem fazer acontecer nas nossas costas, como sempre, mas o professor não. Quem é bom para ensinar é bom para aprender.*

Os professores relataram as mais variadas dificuldades nas experiências que tiveram, desde a maneira como lidaram com complexidades pessoais, além da adoção de novas práticas pedagógicas que contemplassem a aprendizagem dos estudantes na tentativa de estreitar a distância do contato estudante-alfabetizador.

Apesar de não se tratar de algo novo, o ensino híbrido transformou o cenário educativo ao qual estávamos adaptados. Nesse sentido, questionados se, para o processo de apropriação da língua escrita, o ensino híbrido pode ser considerado como parte de uma educação futurista, as respostas foram divergentes. Assim, 50% dos participantes da pesquisa responderam que sim e outros 50% afirmaram que não.

Dentre as respostas afirmativas, as justificativas apontam que:

- *Por meio da tecnologia você consegue utilizar muitas ferramentas para chamar mais atenção do aluno. O novo é mais prazeroso, aguça curiosidade.*
- *A tecnologia está cada vez mais presente nas necessidades sociais, porém nem todos têm acesso e conhecimento.*
- *Apesar de muitos insistirem no antes, mas o antes ficou para trás.*
- *Aprimorando técnicas dentro do desenvolvimento tecnológico.*
- *Porém precisa melhorar muito. Como já dito a falta de recursos tanto para os professores quanto para os alunos impossibilita um bom desenvolvimento.*

Já os que não acreditam nessa possibilidade justificaram que:

- *A educação futura terá que se recuperar da apropriação da língua escrita. Ficaré algumas lacunas a serem compensadas ano após ano.*
- *Diante da nossa realidade não, porque não temos propostas que atendem a essa demanda.*
- *Falta ferramentas tecnológicas para o professor.*
- *Porque falta ferramentas tecnológicas para o professor.*
- *No ensino público? Num futuro...*

Refletir sobre o ensino híbrido como educação futurista não aborta o exercício dos professores em sala de aula, mas busca dar oportunidade de uma abrangência ainda maior das tecnologias em função das aprendizagens, principalmente no contexto

educacional. Porém, apesar de a tecnologia ser um grande aliado para a educação, quando se trata de processos de apropriação da língua escrita, a presença do professor com intencionalidade educativa se faz necessária e urgente.

Ao serem questionados se, dentro do contexto de pandemia, acreditam que a alfabetização pode ocorrer por meio do ensino remoto da mesma forma que no ensino presencial, os profissionais foram unânimes em afirmar que não. Apenas quatro profissionais justificaram

- *O professor no presencial é insubstituível.*
- *Tecnologia nenhuma substitui a explicação ao vivo, a troca de experiências, o relato das crianças, a interação professor e aluno. O ensino remoto ajuda, mas não funciona igual ao presencial.*
- *Nunca. Consegue ensinar a ler, mas a escola vai além do que simplesmente ensinar a ler.*
- *Precisamos do mínimo de contato. Dúvidas e atuações junto ao aluno de maneira presencial.*
- *Precisamos do mínimo de contato.*

É notável que a ausência das aulas presenciais, o contato e a interação em sala de aula causaram impacto socioemocional não só para os estudantes, mas também para os professores.

Sobre o momento mais desafiador enfrentado pelos profissionais no processo de alfabetização no período de pandemia, alcançamos as seguintes respostas.

- *Acompanhar as atividades com intervenções.*
- *Será que vou conseguir? Será que vão aprender alguma coisa? Muitas interrogações...*
- *O início da pandemia onde pouco sabíamos como atuar. Até se obter um plano de ação ficamos à deriva.*
- *Ensinar o aluno sem tê-lo em sala de aula, ou seja, sem o contato.*
- *Enquanto professor realizar seu planejamento minimamente roteirizado e contextualizado e não haver acompanhamento familiar dos alunos.*
- *A devolutiva das apostilas. Infelizmente durante as correções era notável que os responsáveis estavam fazendo pelas crianças. E sem dúvidas a falta de recursos tecnológico.*
- *Alunos e pais sem recursos tecnológicos, sem conhecimentos e descaso da família.*
- *Não ter recursos tecnológicos para alfabetizar.*
- *A falta de contato com os alunos.*
- *Receber alunos que estavam remotamente, e que nunca apresentaram nenhuma dificuldade, chegar em sala de aula sem nenhum conhecimento.*

O ensino remoto, algo até então desconhecido aos profissionais que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, gerou insegurança nos profissionais que estavam acostumados com o contato direto dentro da sala de aula. Muitas indagações surgiram acerca das didáticas a serem utilizadas. Os profissionais precisaram (re)inventar o seu modo de ensinar, propondo novas metodologias de alfabetização e, acima de tudo,

(re)aprender sua práxis pedagógica para o cotidiano escolar em tempos delicados. Novamente a falta de recursos tecnológicos, a falta de contato com os estudantes, a não devolutiva da realização das atividades não presenciais (ou ainda a percepção que tal atividade não fora realizada pelo próprio estudante) foram citados como maiores desafios enfrentados nesse período de pandemia.

Diante os resultados apresentados, pode-se observar que, no contexto da alfabetização, os professores estão sempre dispostos a enfrentar quaisquer dificuldades e transformá-las em potencialidades para o auxílio aos estudantes e também aos familiares, buscando, assim, uma educação de qualidade para todos.

### **Considerações finais**

Ao analisar os processos de ensino e aprendizagem na etapa de alfabetização nos anos iniciais do ensino fundamental por intermédio do ensino híbrido durante a pandemia, observou-se que os profissionais pesquisados relataram que o trabalho desenvolvido no contexto da pandemia para dar conta do processo de alfabetização dos estudantes foi árduo com muitos desafios. Os professores precisaram (re)inventar suas práticas incorporando o uso de tecnologias, de forma gradual e um pouco lenta.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a aproximação da escola com as famílias foi uma necessidade para que o processo de aprendizagem dos estudantes fosse garantido mesmo que, em muitos casos, não tenha sido observado muito empenho por parte dos estudantes na realização das atividades propostas.

Na concepção da comunidade escolar, o aprendizado dos educandos, no período de pandemia, ficou prejudicado, pois, mesmo com o empenho de muitas famílias em auxiliar os estudantes nesse processo, a minoria conseguiu fazê-lo de forma satisfatória. A partir dessa nova realidade, foi apontado, ainda, pelos profissionais, a necessidade de se repensar a prática pedagógica no interior da escola de forma a garantir a aprendizagem da leitura e da escrita dos estudantes.

Observou-se que a maioria dos profissionais entrevistados acredita não ser possível o atendimento individualizado durante o ensino híbrido dada a pouca condição de interação com os estudantes. Dessa forma, o processo de alfabetização, no contexto da pandemia, ocorreu de forma lenta e gradual por meio da utilização dos aplicativos *WhatsApp*, *Google Meet* e *Zoom*.

A inclusão da tecnologia, em sala de aula, apontada pela BNCC como necessária, foi indicada pelos profissionais pesquisados como um entrave durante o período de pandemia, uma vez que a rede municipal de ensino não ofereceu ferramentas para isso. Os profissionais das escolas pesquisadas se dividem ao reconhecerem que o ensino híbrido pode ser considerado como parte de uma educação futurista, para alguns isso se fará pertinente porque a tecnologia está cada vez mais presente na sociedade, mas para outros não será possível, uma vez que nem todos têm acesso aos recursos tecnológicos.

Os profissionais das escolas pesquisadas não acreditam que a alfabetização pode ocorrer da mesma forma no ensino remoto e no ensino presencial, pois há a necessidade de interação entre o professor e o estudante e entre os estudantes, troca de experiências e intervenção direta do professor. O ensino remoto ajuda no processo, mas não substituiu o ensino presencial.

O momento mais desafiador enfrentado pelos profissionais no processo de alfabetização, no período de pandemia, foram a incerteza do novo momento vivenciado, o acompanhamento da realização das atividades pelos estudantes sem um contato mais próximo, a falta de recursos tecnológicos, a devolutiva da realização das atividades feitas, muitas vezes, por um adulto.

Assim, dada as limitações deste estudo, vislumbra-se a possibilidade de novas pesquisas serem realizados a partir das contribuições apresentadas, aprofundando o assunto em questão.

### **Referências**

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 12 ago. 2021.

BRASIL. **Lei Nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006.** Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm)>. Acesso em: 05 out. 2021.

BRASIL. **Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010.** Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Brasília: MEC/CNE/CEB,

2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 11 maio 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CNE, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 11 maio 2021.

CÉSAR, Gabriel Pôrto et al. A pandemia e os professores alfabetizadores: um olhar para a rede pública no sul do Brasil. **Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC)**, IFSP Itapetininga, v. 8, e21015, p. 1-22, 2021, 2021. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/423>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

FURLETTI, Saulo; COSTA, José Wilson da. O Blended Learning nos repositórios brasileiros. **Imagens da Educação**, v. 8, n. 1, e39886, 13 mar. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/39886>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. **A escrita infantil**. São Paulo: Cortez, 2008.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; SCHWARTZ, Cleonara Maria. **Alfabetização: teoria e prática**. Curitiba, PR: Sol, 2009.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes; SCHWARTZ, Cleonara Maria. Considerações sobre o ensino da leitura e a aprendizagem da escrita. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**. Vitória-ES, v. 1, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/ADM/Downloads/30-Texto%20do%20Artigo-44-2-10-20190319.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2021.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio – uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1991.

LINHARES. Prefeitura Municipal de Linhares. Secretaria Municipal de Educação. Portaria SEME/Nº 001/2021 de 29/01/2021.

PAIVA, Maria Cristina Leandro de; MACHADO, Yzzynga Silva Rezende. Desafios e possibilidades das estratégias de ensino remoto na alfabetização de crianças pelo WhatsApp. In: V CONBALF - Congresso Brasileiro de Alfabetização. Florianópolis-SC, agosto de 2021. Disponível em:

<[http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V\\_CBA/ppr/paper/viewFile/1538/1010](http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/V_CBA/ppr/paper/viewFile/1538/1010)>. Acesso em: 11 maio 2021.

PÉREZ, Carmem Lúcia Vidal. Alfabetização: um conceito em movimento. In: GARCIA, Regina Leite; ZACCUR, Edwiges. **Alfabetização**: reflexões sobre saberes docentes e saberes discentes. São Paulo: Cortez, 2008.

REIS, R. P. Relação Família Escola: uma parceria que dá certo. **Mundo Jovem**: um jornal de ideias. Ano XLV - nº 373 - fev. 2007.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019.

SILVA, Antônia Maria Cardoso e. Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: realidades e desafios. **Revista Educação Básica em Foco**, v.2, n.4, janeiro a março de 2021. Disponível:

<[https://educacaobasicafoco.net.br/04/Artigos/Alfabetizacao\\_e\\_letramento\\_em\\_tempos\\_de\\_pandemia\\_SILVA-A-W.pdf](https://educacaobasicafoco.net.br/04/Artigos/Alfabetizacao_e_letramento_em_tempos_de_pandemia_SILVA-A-W.pdf)>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, Maria Letícia; SANTOS, Juliana Soares dos. Alfabetização de crianças em tempo de pandemia e aulas remotas: o que dizem e fazem os(as) professores(as)? **Anais VII CONEDU - Edição Online**. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67917>>. Acesso em: 22 jun. 2021.

SILVA, Michele Rejane Coura da; MACIEL, Cristiano; ALONSO, Kátia Morosov. Hibridização do ensino nos cursos de graduação presenciais das universidades federais: uma análise da regulamentação. **RBP AE**. v. 33, n. 1, p. 095 - 117, jan./abr. 2017. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/317416649\\_Hibridizacao\\_do\\_ensino\\_nos\\_cursos\\_de\\_graduacao\\_presenciais\\_das\\_universidades\\_federais\\_uma\\_analise\\_da\\_regulamentacao](https://www.researchgate.net/publication/317416649_Hibridizacao_do_ensino_nos_cursos_de_graduacao_presenciais_das_universidades_federais_uma_analise_da_regulamentacao)>. Acesso em: 20 set. 2021.

SOARES, Magda. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?** Entrevista concedida a Emy Lobo. Fundação Roberto Marinho, Canal Futura, set, 2020. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-apandemia/>>. Acesso em: 11 maio 2021.

SOARES-LEITE, Werlayne Stuart; NASCIMENTO-RIBEIRO, Carlos Augusto do. A inclusão das TICs na educação brasileira: problemas e desafios. **Magis**, Revista Internacional de Investigación en Educación, vol. 5, n. 10, julio-diciembre, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2810/281024896010.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2021.

## **LITERACY AND HYBRID TEACHING IN PANDEMIC TIMES: CHALLENGES AND POSSIBILITIES**

**Abstract:**

This article has the purpose to analyze the teaching and learning processes in the literacy stage's, in the early years of elementary school, through hybrid education during the pandemic. A bibliographical review and a field research were carried out by a survey with the teachers of the first three years of elementary school, at two public schools of the municipal education network of Linhares. From the analysis of the collected data, it is concluded that hybrid teaching was necessary since the schools were closed due to the Covid-19 pandemic, but the lack of contact between students and teachers and the limited access to technological resources made this process a challenger for not only the teachers and the students but also for their families. From the academic community conception, the student's learning was impaired, as at the literacy stage the students needs a follow-up and specifics interventions, that will lead them to appropriate the written language. It was also observed a positive aspect, the school team and the students' families got closer due to the many difficulties and challengers presented.

Keywords: Pandemic; Literacy; Elementary School; Hybrid teaching.

**Enviado em 19/11/2021**